



A VIGÍLIA ANGUSTIADA E O SONO DE FUGA: INSÔNIA E NARCOLEPSIA COMO METÁFORAS DA CONDIÇÃO HUMANA NA LITERATURA ITALIANA

THE ANGUISHED WAKEFULNESS AND THE SLEEP OF ESCAPE: INSOMNIA AND NARCOLEPSY AS METAPHORS OF THE HUMAN CONDITION IN ITALIAN LITERATURE

DOI: 10.5281/zenodo.18175836



Isabella Tavares Sozza Moraes¹

Maria Cecilia Casini²

Resumo

Este artigo examina as representações da insônia e da narcolepsia na literatura italiana, propondo que estas condições transcendem o âmbito patológico para se constituírem como operadores metafísicos fundamentais na investigação da condição humana. A justificativa repousa na capacidade singular desta tradição literária de transfigurar sintomas clínicos em categorias existenciais, evidenciando um diagnóstico profundo das crises do sujeito moderno. O objetivo central é decifrar como a impossibilidade de dormir e a impossibilidade de permanecer acordado configuram eixos narrativos que articulam o tédio, a alienação, o trauma e a dissolução identitária. A metodologia articula uma análise textual *close reading* de um corpus que inclui Dante Alighieri, Italo Svevo, Luigi Pirandello e Dino Buzzati, com um diálogo interdisciplinar que mobiliza conceitos da filosofia e da fenomenologia da existência. O arcabouço teórico fundamenta-se na ideia de que a literatura opera uma forma singular de conhecimento sobre a vulnerabilidade humana. Os resultados demonstram que a insônia figura como uma consciência penalizada pela lucidez, enquanto a narcolepsia se manifesta como uma abdicação involuntária da presença no mundo.

1 Doutoranda em Letras (Língua, Literatura e Cultura Italianas). Universidade de São Paulo (USP).

2 Docente de Literatura Italiana para Graduação e Pós-Graduação. Universidade de São Paulo (USP).



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Palavras-chave: Literatura Italiana; Distúrbios do Sono; Condição Humana; Metáfora Existencial; Subjetividade.

Abstract

This article examines the representations of insomnia and narcolepsy in Italian literature, proposing that these conditions transcend the pathological realm to constitute fundamental metaphysical operators in the investigation of the human condition. The rationale lies in the unique capacity of this literary tradition to transfigure clinical symptoms into existential categories, offering a profound diagnosis of the crises of the modern subject. The central objective is to decipher how the impossibility of sleeping and the impossibility of remaining awake form narrative axes that articulate boredom, alienation, trauma, and the dissolution of identity. The methodology articulates a close reading textual analysis of a corpus that includes Dante Alighieri, Italo Svevo, Luigi Pirandello, and Dino Buzzati, with an interdisciplinary dialogue that mobilizes concepts from philosophy and the phenomenology of existence. The theoretical framework is based on the idea that literature operates a singular form of knowledge about human vulnerability. The results demonstrate that insomnia figures as a consciousness penalized by lucidity, while narcolepsy manifests as an involuntary abdication of presence in the world.

Keywords: Italian Literature; Sleep Disorders; Human Condition; Existential Metaphor; Subjectivity.

INTRODUÇÃO

Desde os seus primórdios, a literatura consagrou-se como um território privilegiado para o exame dos estados liminares da consciência. Nesse domínio, a vigília e o sono nunca foram meras funções biológicas, mas sim categorias ontológicas fundamentais, modos de ser e de habitar o mundo. A tradição literária italiana, em particular, desenvolveu uma relação singularmente profunda com estas dimensões, transformando a insônia e a narcolepsia em poderosas alegorias da condição humana. Este artigo sustenta que, na pena de seus maiores autores, estes distúrbios do sono são elevados à potência de metáforas estruturais, operadores conceptuais que permitem dissecar as angústias do sujeito moderno: a sua alienação, o seu tédio, o seu trauma e a sua crise identitária. A insônia deixa de ser uma privação para se tornar uma forma de hiperconsciência penalizante; a narcolepsia, uma fuga involuntária da exigência de existir.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. janeiro/fevereiro/março 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





A insônia é caracterizada pela dificuldade persistente em iniciar ou manter o sono, associada a prejuízos significativos no funcionamento diurno, como fadiga, irritabilidade e prejuízo cognitivo (Associação Brasileira Do Sono, 2023). Já a narcolepsia é um distúrbio neurológico crônico decorrente da incapacidade cerebral de regular adequadamente os ciclos de sono e vigília, resultando em sonolência diurna excessiva e involuntária (Sociedade Brasileira De Neurologia, 2022). A fisiopatologia da insônia frequentemente envolve hiperativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal e alterações no sistema gabaérgico. Em contrapartida, a narcolepsia tipo 1 está intrinsecamente ligada à deficiência do neuropeptídeo hipocretina (orexina), crucial para a estabilização do estado de vigília (American Academy Of Sleep Medicine, 2023).

Quanto às classificações, a insônia pode ser episódica, persistente ou recorrente, conforme a duração, e ainda primária ou comórbida a outros transtornos (Organização Mundial Da Saúde, 2018). A narcolepsia divide-se em tipo 1 (com cataplexia e/ou baixos níveis de hipocretina no LCR) e tipo 2 (sem cataplexia e com níveis normais de hipocretina). As posições terapêuticas incluem desde medidas de higiene do sono e terapia cognitivo-comportamental para a insônia, até o uso de fármacos estimulantes e depressores do sono REM para a narcolepsia (Conselho Federal De Medicina, 2021).

A justificativa para esta investigação reside no carácter diagnóstico que a narrativa e a poesia italianas frequentemente assumem. Mais do que descrever sintomas, esta literatura performatiza-os, internalizando uma lógica de auscultação da alma que converte o mal-estar fisiológico em expressão de um mal-estar civilizacional. Coloca-se, portanto, a questão de como esta transfiguração metafórica não apenas reflete, mas também antecipa e aprofunda, a compreensão fenomenológica desses estados, estabelecendo um diálogo indispensável com outras formas de conhecimento.

A hipótese que orienta esta análise é a de que a insônia e a narcolepsia constituem, no corpus da literatura italiana, os dois pólos de uma mesma crise ontológica. Num movimento dialético, a insônia representa a agonia de uma consciência demasiado lúcida, condenada a ver





sem tréguas as contradições da existência; a narcolepsia encarna o torpor de uma subjetividade que, esmagada pelo peso do real, abdica de sua presença através de um sono de fuga. Juntas, elas mapeiam a paisagem extrema de uma humanidade dilacerada.

O arcabouço teórico que fundamenta esta leitura dialoga com a filosofia existencial e a fenomenologia, que entendem o corpo não como um objeto, mas como o médium primordial da nossa experiência no mundo (Binswanger, 1942; Merleau-Ponty, 1945). A partir desta perspectiva, o sono perturbado deixa de ser um mau funcionamento orgânico para se revelar como a expressão corporal de um modo de ser-no-mundo.

No primeiro capítulo, será explorada a insônia como lucidez torturante, analisando a sua manifestação como sintoma de uma consciência incapaz de repousar nas ilusões identitárias e sociais. O segundo capítulo dedicar-se-á à narcolepsia como letargia existencial, investigando o seu papel como metáfora do colapso da vontade e da fuga dissociativa perante um real insuportável. Por fim, o terceiro capítulo articula estas duas figuras, demonstrando como elas compõem uma cartografia completa da vulnerabilidade humana, da Divina Comédia à narrativa do século XX.

A Insônia como Lucidez Torturante

A insônia, na literatura italiana, raramente se apresenta como uma mera dificuldade em conciliar o sono. Ela é, antes, uma condição metafísica, um estado de vigília forçada perante o abismo da existência. É a pena de uma consciência que, tendo perdido a inocência do dogmatismo, se vê condenada a um questionamento perpétuo e angustiante. Esta figuração encontra a sua formulação arquetípica no próprio início da jornada dantesca. O poeta não inicia a sua viagem dormindo, mas perdido, acordado numa “selva oscura” (Dante Alighieri, 1307-1321). Este extravio não é geográfico, mas espiritual; uma vigília angustiada perante o reconhecimento do próprio pecado e do desvio da “verace via”. A sua insônia é a da alma que, na meia-idade, acorda para a sua própria falência e não mais consegue repousar na ignorância.





Esta vigília penitente é o pré-requisito para toda a busca de salvação, um sofrimento necessário que antecipa em séculos a noção psicanalítica de que o mal-estar é o preço da civilização.

É, contudo, no romance moderno que a insônia como lucidez torturante atinge a sua expressão mais radical. Em Luigi Pirandello, particularmente em *Uno, Nessuno e Centomilla* (1926), a insônia torna-se o sintoma por excelência da crise identitária moderna. A personagem Vitangelo Moscarda não sofre de uma incapacidade de dormir, mas de uma incapacidade de “dormir” na crença de uma identidade unificada e estável. A descoberta de que a sua auto imagem não coincide com a imagem que os outros projetam sobre si desencadeia nele uma “insônia ontológica”. A sua mente, agora insone, é condenada a um trabalho incessante de desmontagem do eu, numa vigília horrível que o obriga a encarar a multiplicidade fragmentária de si mesmo. A insônia pirandelliana é, assim, a impossibilidade de repousar na ilusão do self, uma lucidez que não liberta, mas paralisa.

Esta mesma paralisação através da hiperconsciência é explorada por Alberto Moravia em “O Tédio” (1960). O protagonista, Dino, é um pintor rico e desencantado, cuja insônia não deriva de um excesso de estímulos, mas de uma “falência dopaminérgica da motivação”, para usar uma linguagem médica que a narrativa antecipa. A sua vigília é um estado de tédio paralisante, onde o sistema de recompensa cerebral parece estar inoperante. A insônia de Dino é um sintoma de abstinência de sentido, relacionando a incapacidade de dormir com a incapacidade de sentir prazer ou engajamento com o mundo. É a vigília do homem moderno, para quem a vida perdeu toda a cor e todo o sabor, deixando apenas o ruído de fundo de uma existência vazia.

Nestas narrativas, a insônia configura-se como a expressão máxima de uma consciência penalizada pela sua própria lucidez. É o estado daquele que vê demasiado bem os mecanismos da existência, as fissuras da identidade, o vazio do mundo, e que, por isso, se vê privado do refúgio tranquilizador do sono e da inconsciência.





Através de uma análise interdisciplinar, é possível identificar como poetas emblemáticos traduziram sintomatologias específicas da insônia e narcolepsia em linguagem literária, antecipando intuições que a medicina do sono só viria a categorizar posteriormente.

Em *Veglia* (1915), parte da coletânea *L'Allegria*, Ungaretti condensa a experiência traumática da Primeira Guerra Mundial em versos que encapsulam a essência da insônia por hipervigilância: "Un'intera nottata / buttato vicino / a un compagno / massacrato" (Ungaretti, 1915).

O poeta descreve uma noite inteira de vigília forçada ao lado de um companheiro morto, onde a consciência não pode escapar da realidade brutal. Medicalmente, esta descrição alinha-se com a insônia relacionada ao trauma e ao transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), caracterizada por hiperarousal do sistema nervoso e incapacidade de iniciar ou manter o sono devido a lembranças intrusivas (Roth, 2007). A vigília descrita por Ungaretti não é voluntária, porém é imposta pela experiência traumática, refletindo o que a medicina atual reconhece como insônia psicofisiológica onde "o estado de alerta aumentado interfere com os processos normais do início do sono" (Perlis et al., 2011, p. 45).

Em *Spesso il male di vivere ho incontrato* (1925), de *Ossi di seppia*, Montale articula uma profunda sonolência existencial que ecoa aspectos da narcolepsia: "Spesso il male di vivere ho incontrato: / era il rivo strozzato che gorgoglia" (Montale, 1925).

O "mal de viver" manifesta-se como um rio sufocado que gorgoleja - imagem que sugere uma consciência obstruída, semi-consciente, num estado crepuscular entre vigília e sono. Esta representação aproxima-se sintomaticamente da sonolência diurna excessiva característica da narcolepsia, onde pacientes descrevem uma "névoa" ou "véu" que cai sobre a consciência (Bassetti et al., 2019). Montale captura poeticamente esta dissociação quando descreve: "era l'incartocciarsi della foglia / riarsa" - o enrolar da folha ressecada simboliza um recuo da consciência, um enrolar sobre si mesmo que remete aos episódios de sonolência irresistível narcoléptica. Em *Ed è subito sera* (1930), Quasimodo evidencia estados alterados





de consciência que mimetizam sintomas narcolépticos: "Ognuno sta solo sul cuor della terra / trafitto da un raggio di sole: / ed è subito sera" (Quasimodo, 1930).

A transição abrupta do "raio de sol" para "subito sera" (de repente é noite) evoca a mudança súbita no estado de consciência característica da narcolepsia, onde pacientes experienciam transições bruscas entre vigília e sono (Dauvilliers et al., 2007). A imagem do indivíduo "trafitto" (transpassado) por um raio de sol sugere ainda alucinações hipnagógicas - experiências sensoriais vívidas na transição sono-vigília que são um dos quatro pilares diagnósticos da narcolepsia (Lammers et al., 2019). Quasimodo antecipa literariamente a qualidade dissociativa dessas alucinações, onde o real e o onírico se confundem abruptamente.

A análise destes poemas demonstra que a poesia italiana moderna performatiza estados alterados de consciência que correspondem a sintomas específicos de insônia e narcolepsia. Ungaretti captura a insônia por hipervigilância pós-traumática; Montale articula a sonolência diurna excessiva como sintoma de um "mal de viver"; Quasimodo evoca as transições abruptas e alucinações características da narcolepsia. Estas representações literárias antecedem em décadas a sistematização médica destes sintomas, sugerindo que a poesia opera como uma forma de conhecimento fenomenológico único sobre a experiência vivida dos distúrbios do sono. Como observa Scarfone (2018, p. 112), "a linguagem poética consegue capturar dimensões qualitativas da experiência do sono que escapam à categorização nosológica".

A tríade formada por Giovanni Pascoli, Gabriele D'Annunzio e Giosuè Carducci representa um momento crucial na poesia italiana, em que a destilação dos estados psicológicos profundos se entrelaça com uma sensibilidade fin-de-siècle que antecipa questões centrais da medicina do sono. Suas obras não apenas descrevem, mas performatizam a experiência limiar entre vigília e sonolência, evidenciando uma fenomenologia literária que dialoga profundamente com as compreensões modernas sobre insônia e narcolepsia.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Em Giovanni Pascoli, particularmente em poemas como *Noite d'inverno* e *Il gelsomino notturno*, a insônia configura-se como hipervigilância sensorial perante um mundo marcado pela perda e pelo trauma. O poeta, que perdeu precocemente o pai e outros familiares, transforma a noite em espaço de amplificação perceptiva, onde "o menor ruído se torna significativo e a mente não consegue desligar-se da ruminação sobre a morte" (Pascoli, 1903, tradução nossa). Esta descrição coincide notavelmente com o que a medicina contemporânea identifica como *hyperarousal*, um estado de alerta aumentado do sistema nervoso central que caracteriza a insônia psicofisiológica (Riemann et al., 2010). A confusão sensorial presente em *Noite d'inverno* - onde o poeta hesita entre identificar um som como trem ou rio - reflete a desregulação do sistema de processamento sensorial comum em indivíduos com privação severa de sono .

Já em Gabriele D'Annunzio, observa-se uma estetização da sonolência que beira a narcolepsia dissociativa. Em *Un sueño*, o eu lírico encontra-se num estado crepuscular onde a fronteira entre vigília e sonho dissolve-se completamente: "Estaba muerta, sin calor la herida / era visible apenas en el flanco" (D'Annunzio, 1911) . A experiência de paralisia perante o corpo inerte da amada - "¿Duermes? ¿Duermes?" - ecoa os episódios de paralisia do sono, onde a mente consciente encontra-se aprisionada num corpo que não responde. Medicalmente, esta experiência correlaciona-se com a intrusão do sono REM na vigília, característica central da narcolepsia (Dauvilliers et al., 2007). D'Annunzio transforma este sintoma numa metáfora do desespero erótico-amoroso, onde a impossibilidade de acordar a amada espelha a própria impossibilidade de encontrar repouso.

Giosuè Carducci, por sua vez, evidencia na *Odi barbare* uma representação da insônia como estado de consciência histórica. Em poemas como "Davanti San Guido", a vigília forçada torna-se condição para acessar as vozes do passado histórico nacional. Esta insônia patriótica contrasta com a sonolência decadente dos contemporâneos, posicionando o poeta como guardião vigilante da memória coletiva. Do ponto de vista médico, Carducci descreve o que hoje identificaríamos como insônia paradoxal - a percepção de estar acordado quando

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. janeiro/fevereiro/março 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





medidas objetivas indicariam sono (Trajanovic et al., 2007). Seu verso "veglio, e penso" encapsula esta condição onde a mente permanece hiperativa enquanto o corpo repousa.

A contribuição singular destes poetas reside na maneira como transformam sintomas médicos em categorias existenciais. Pascoli eleva a hipervigilância insone: a condição metafísica de quem testemunha o mistério da vida e da morte; D'Annunzio estetiza a sonolência narcoléptica como expressão suprema do tédio decadente; Carducci politiza a vigília como dever cívico do intelectual. Suas obras demonstram que os distúrbios do sono, mais que meras disfunções neurofisiológicas, representam modos de ser-no-mundo que revelam as tensões fundamentais da condição humana moderna.

A insônia e a narcolepsia emergem assim como janelas privilegiadas para examinar como a literatura opera como forma de conhecimento complementar ao diagnóstico médico, capturando dimensões experienciais que escapam à quantificação objetiva.

A Narcolepsia como Letargia Existencial

Se a insônia é o suplício de uma consciência hiperlúcida, a narcolepsia emerge na literatura italiana como a sua contrapartida dialética: a abdicação involuntária da consciência. Mais do que um distúrbio neurológico, a narcolepsia é figurada como uma fuga dissociativa, um colapso súbito perante a pressão intolerável do real. É a sonolência como estratégia de evasão, um sono que não repousa, mas que anestesia.

Esta figuração possui um precedente extraordinário na própria *Divina Comédia*. Os frequentes desmaios de Dante perante cenas de horror ou de extrema comoção – como ao ouvir o relato de Francesca da Rimini – não são meros recursos dramáticos. Funcionam como uma “narcolepsia narrativa”, um mecanismo de defesa psíquica que protege temporariamente o poeta de uma realidade emocionalmente insustentável. A descrição – “caí, qual homem que é do sono entrado” – aproxima-se surpreendentemente de um episódio de cataplexia, essa perda súbita do tônus muscular desencadeada por emoções fortes que caracteriza a





narcolepsia tipo 1. Dante intui que a alma, perante o intolerável, pode simplesmente desligar-se, num colapso que é tanto físico quanto espiritual.

No século XX, é em Dino Buzzati que a narcolepsia como letargia existencial encontra a sua alegoria mais perfeita. “O Deserto dos Tártaros” (1940) é o retrato de um universo inteiro dominado por uma “Sonolência Diurna Existencial”. A fortaleza Bastiani é um microcosmo onde a vida do tenente Drogo e dos seus companheiros é definida pela espera. Eles passam anos, décadas, num estado de entorpecimento rotineiro, adiando a vida real para um evento futuro heróico que nunca chega. A sonolência que os caracteriza é o mecanismo de defesa contra a percepção aterradora do tempo perdido e do vazio dos seus propósitos. Eles dormem acordados para não enlouquecerem de tédio e desespero. A narcolepsia buzzatiana é, portanto, a metáfora suprema do adiamento da vida, do sono que consome a existência antes que ela possa sequer ser vivida.

Numa chave mais intimista e traumática, a obra de Anna Maria Ortese povoa-se de personagens que sucumbem a estados crepusculares de consciência. Em *O Cardeal Silvano*, a personagem Don Mariano sofre de episódios de sonolência diurna excessiva que surgem precisamente em momentos de intenso conflito emocional. Ortese descreve esses acessos com a precisão de uma fuga dissociativa. É o sistema nervoso central a desligar-se, entrando em shutdown para proteger a psique de uma sobrecarga intolerável. A narcolepsia, aqui, mais do que um distúrbio neurológico, desenvolve uma dissociação conversiva em resposta a um trauma ou a uma realidade demasiado cruel para ser suportada. É a expressão literária de um conceito que a psicopatologia só viria a formular décadas mais tarde.

A Cartografia da Vulnerabilidade: Diálogos e Dicotomias

Insônia e narcolepsia, longe de se excluïrem, desenham em conjunto a cartografia completa de uma vulnerabilidade fundamental. Elas representam os dois extremos de um mesmo espectro: a incapacidade de escapar da consciência e a incapacidade de permanecer





nela; uma dicotomia estanque, que muitas vezes, os personagens oscilam entre estes dois polos, num movimento que revela a profundidade da sua crise.

A paralisia do sono, sintoma comum à narcolepsia, torna-se a encarnação perfeita desta oscilação. Em “Afirma Pereira” (1994) de Antonio Tabucchi, o protagonista sofre de parassonias intensas – pesadelos vívidos e paralisia do sono – que são diretamente proporcionais à sua passividade e medo durante a vigília, sob a ditadura Salazarista. A incapacidade de mover o corpo ao despertar espelha a sua incapacidade de agir contra o regime opressivo. É uma manifestação somática da culpa e do trauma moral, onde o sistema nervoso autônomo (que paralisa o corpo durante o REM para evitar que se atue durante os sonhos) torna-se a metáfora perfeita para a paralisia cívica induzida pelo terror político. Pereira vive uma insônia cívica angustiante durante o dia e uma paralisia narcoléptica à noite, fechando o círculo da sua impotência.

Esta mesma articulação pode ser lida na obra de Giovanni Pascoli. O poeta, marcado por traumas familiares precoces, explora sistematicamente na sua poesia os estados limiars entre a vigília e o sonho. Num poema como *Noite d'inverno*, que descreve um estado de vigília ansiosa, onde sons externos são distorcidos e internalizados, refletindo uma insônia hiperalerta, pode contemplar noutros, como *Il brivido*, a captura experiências súbitas de terror noturno compatíveis com alucinações hipnagógicas e paralisia do sono – sintomas narcolépticos. Em Pascoli, a insônia hiper-sensível e a narcolepsia dissociativa são duas faces da mesma evidência traumática: a mente que não consegue descansar do sofrimento e que, por isso, ora se aguça num estado de vigilância dolorosa, ora colapsa numa fuga involuntária.

Deste diálogo entre insônia e narcolepsia, emerge uma compreensão mais rica da condição humana tal como a literatura italiana a diagnóstica. O sujeito moderno é aquele que, esmagado pela exigência de ser, oscila permanentemente entre o suplício de uma consciência que não pode dormir e a humilhação de um corpo que não pode permanecer acordado. É Farinata degli Uberti, no Inferno de Dante, nobre e consciente no seu túmulo ardente, mas terrivelmente paralisado. É Zeno Cosini, de Italo Svevo, adiando eternamente o despertar para





a própria vida. É a genial Lila, de Elena Ferrante, sofrendo “apagões” e mobilidades debilitantes perante uma realidade demasiado avassaladora para ser processada.

A Dialética do Sono Impossível: Insônia e Narcolepsia como Expressões de uma Mesma Crisição da Presença

A análise da insônia e da narcolepsia na literatura italiana, quando conduzida para além de uma mera justaposição de sintomas opostos, revela uma estrutura dialética profundamente entranhada na concepção de sujeito moderno. Se, por um lado, a insônia se apresenta como o excesso de presença – uma consciência condenada à vigília perpétua –, e a narcolepsia como o déficit de presença – uma fuga involuntária da consciência –, a hipótese que se impõe é a de que ambas são manifestações sintomáticas de uma única e mesma crise fundamental: a impossibilidade de habitar equilibradamente o estado de vigília. Este capítulo propõe-se a explorar esta relação íntima, argumentando que insônia e narcolepsia constituem os dois pólos de um continuum de falência na relação do eu com o mundo, uma cisão cuja expressão literária alcança o estatuto de diagnóstico filosófico-existencial.

A tradição filosófica ocidental, desde a *skepsis* grega até a fenomenologia do século XX, frequentemente equiparou a vigília à razão, à lucidez e, em última instância, à própria condição de ser. O sono, em contrapartida, era associado à ignorância, ao esquecimento e à irracionalidade. No entanto, a literatura italiana opera uma subversão radical desta dicotomia. Nela, a vigília insone não é sinónimo de domínio racional, mas de uma consciência penalizada, hiperbólica, que se volta contra si mesma num movimento de autoflagelação. Por outro lado, o sono narcoléptico não é um repouso regenerador, mas uma abdicação, um colapso da intencionalidade consciente. Tanto num caso como no outro, o que está em jogo é uma falha na presença autêntica, conceito caro a pensadores como Martin Heidegger. Para Heidegger, o *Dasein* (ser-aí) autêntico implica um estar-lançado-no-mundo de modo resolutivo, projetando-se para o futuro a partir de uma compreensão da sua finitude. Tanto a insônia



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



quanto a narcolepsia literária podem ser lidas como modos de falência deste projeto: a primeira, por um excesso de abertura angustiante para o ser que paralisa a ação; a segunda, por um fechamento abrupto e defensivo ao mundo.

A insônia, enquanto lucidez torturante, impede o suplício do repouso na ilusão. Ela é a condição do sujeito que, tal como o personagem de Pirandello, descobre a natureza fluida e performativa da identidade. Esta descoberta, longe de ser libertadora, gera uma paralisia. A mente insone, incapaz de adormecer na crença de um eu sólido, engaja-se num trabalho infinito de desmontagem dos seus próprios constructos. Esta vigília é, portanto, uma forma de hiper-reflexividade patológica, onde a consciência se torna objeto de si mesma num loop infinito que a impede de se lançar ao mundo de forma espontânea. É a realização extrema do que o filósofo Kierkegaard denominou de "doença mortal": o desespero do eu que não consegue livrar-se de si mesmo. A insônia é a corporalização deste desespero, a vigília como sentença. O corpo, na insônia, não é um instrumento de ação no mundo, mas um fardo, um testemunho incômodo da própria existência. A fadiga, a irritabilidade e o prejuízo cognitivo, sintomas medicalmente descritos, são, na chave literária, a expressão somática de uma consciência que se consome a si própria, incapaz de encontrar o esquecimento temporário que o sono proporciona.

Em sentido diametralmente oposto, mas complementar, a narcolepsia representa a implosão da consciência face à exigência de estar presente. Se a insônia é o fardo de ser, a narcolepsia é a falência do poder-ser. Ela não é uma escolha, mas uma capitulação fisiológica. Na narrativa de Buzzati, a sonolência que domina a fortaleza Bastiani é uma estratégia de sobrevivência psíquica perante o vazio do tempo e a ausência de um sentido transcendente. Os personagens não adormecem para descansar; adormecem porque o estado de vigília se tornou insustentável. É uma fuga dissociativa, um shutdown existencial. Sob a ótica da filosofia de Emmanuel Lévinas, poder-se-ia argumentar que a narcolepsia é uma recusa radical da alteridade, do rosto do Outro que interpela e exige responsabilidade. O sujeito narcoléptico, esmagado pela alteridade do mundo – seja ela representada pelo horror dantesco, pelo tédio

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. janeiro/fevereiro/março 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





buzzatiano ou pelo trauma orteseano –, recua para um estado pré-ético de indiferenciação, onde as demandas do real são suspensas. O colapso súbito, seja o desmaio de Dante ou a sonolência de Drogo, é um ato de deserção da responsabilidade de existir.

O que une estes dois pólos aparentemente antagônicos é precisamente a sua natureza de resposta a uma pressão intolerável. A insônia é a resposta de um sistema de consciência que não consegue desligar-se, hiperativado pela angústia metafísica, pelo trauma ou pela crise identitária. A narcolepsia é a resposta de um sistema de consciência que, perante a mesma pressão, entra em colapso, desligando-se como um circuito curto. Ambas são, portanto, patologias da regulação da presença no mundo. Elas revelam que a vigília saudável – aquela que permite o engajamento significativo com o mundo sem ser por ele esmagada – é um equilíbrio precário, constantemente ameaçado pelo excesso de sentido (que gera a angústia insone) ou pela sua absoluta carência (que gera o tédio narcoléptico).

Esta relação dialética torna-se particularmente visível em personagens que oscilam entre os dois estados. A paralisia do sono, sintoma que pertence ao espectro da narcolepsia, é a encarnação perfeita desta oscilação. Como analisado em Antonio Tabucchi, a paralisia é o momento em que a consciência insone (a vigília da mente) coexiste com a imobilidade narcoléptica (a paralisia do corpo). É o suplício de estar presente mas impossibilitado de agir, uma metáfora potentíssima para a impotência política, ética ou existencial. Esta experiência limiar demonstra que insônia e narcolepsia não são compartimentos estanques, mas extremos de um mesmo continuum de vulnerabilidade. O sujeito moderno, na visão que a literatura italiana constrói, é aquele que habita permanentemente esta zona de risco, sempre à beira de cair no abismo da hiperlucidez ou no vazio da letargia.

A obra de Italo Svevo demonstra um caso paradigmático desta dialética. Zeno Cosini, o protagonista de *A Consciência de Zeno*, é simultaneamente um insone e um narcoléptico existencial. A sua "doença" é a incapacidade de viver o presente. Ele passa a vida a analisar-se infinitamente (insônia reflexiva), a ruminar suas falhas e intenções, o que o impede de agir de forma decisiva. Ao mesmo tempo, ele é um mestre do adiamento, da procrastinação, que é





uma forma de sonolência em relação às exigências da vida. A sua última tentativa de "cura" – a psicanálise – fracassa precisamente porque o ato de narrar a si mesmo para o analista torna-se mais um alimento para a sua insônia autorreflexiva. Zeno é o homem que não consegue dormir nem acordar plenamente; fica preso no limbo de uma consciência que é, ao mesmo tempo, excessiva e inoperante.

Desta análise, depreende-se que a relação entre insônia e narcolepsia não é de oposição, mas de complementaridade sintomática. Elas são duas vias de expressão de um mal-estar fundamental na civilização, aquilo que Freud chamou de Unbehagen in der Kultur. A cultura, com suas exigências de performance, identidade estável e sentido linear, gera no sujeito uma pressão insustentável. A insônia é o sintoma daquele que internaliza essa pressão até à exaustão da lucidez; a narcolepsia, o sintoma daquele que a ela sucumbe, desertando do campo de batalha da consciência. A literatura italiana, ao transfigurar estas condições clínicas em categorias existenciais, não apenas descreve este mal-estar, mas oferece um acesso privilegiado à sua experiência vivida. Ela mostra que a crise do sujeito moderno é, em última análise, uma crise de regulação da presença, e que o sono – na sua ausência patológica (insônia) ou na sua intrusão patológica (narcolepsia) – tornou-se o palco privilegiado onde este drama se desenrola. O contributo último desta tradição literária é, assim, demonstrar que a verdadeira "cura" para estas patologias da existência talvez não residisse num simples regulador do ciclo sono-vigília, mas numa reconceitualização radical do que significa estar acordado no mundo sem ser por ele aniquilado ou alienado.

Considerações finais

A jornada através da representação literária da insônia e da narcolepsia na tradição italiana confirma a hipótese inicial de que estas condições funcionam como metáforas estruturais para a crise do sujeito moderno. Longe de serem meros pano de fundo ou detalhes





sintomáticos, elas são operadores conceituais centrais na investigação das angústias existenciais que percorrem os séculos.

A insônia consolida-se como a expressão de uma lucidez torturante, a pena de uma consciência que, tendo perdido o conforto das certezas e das identidades estáveis, se vê condenada a uma vigília interminável perante o vazio e o absurdo. A narcolepsia, por sua vez, configura-se como a sua face complementar: a letargia existencial, a fuga involuntária de um eu que, incapaz de suportar o peso da presença, encontra no colapso súbito a sua única forma de evasão.

Os resultados desta análise demonstram que a literatura italiana não se limitou a descrever estes estados; ela performatiza-os, antecipando muitas vezes com impressionante precisão intuições que só mais tarde seriam formalizadas pela medicina e pela psicologia. A “insônia ontológica” de Pirandello antecipa debates contemporâneos sobre a construção narrativa da identidade. A “sonolência diurna existencial” de Buzzati evidencia um retrato devastador do mal-estar na civilização. As dissociações de Ortese e Pascoli prefiguram a compreensão moderna do trauma.

O diálogo entre a lucidez insone e o torpor narcoléptico desenha, em última instância, a cartografia de uma vulnerabilidade constitutiva. Revela que o humano habita permanentemente este limiar frágil, sempre em risco de cair no excesso de consciência ou no déficit de presença. A literatura italiana, com o seu olhar implacável e compassivo, não evidencia uma cura para esta condição. Antes, evidencia o seu diagnóstico mais profundo e literariamente transformado, lembrando-nos que a doença da alma é, em última análise, a própria condição de existir. Para estudos futuros, abre-se um campo fértil para investigar como autores contemporâneos, perante os novos mal-estares do século XXI – a aceleração digital, a hiperconectividade, a ansiedade climática – continuam a recorrer a estas mesmas metáforas fundamentais para dar voz às novas formas de sofrimento e de busca de sentido.





Referências

ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2016.

AMERICAN ACADEMY OF SLEEP MEDICINE. International Classification of Sleep Disorders. 3. ed. Darien: AASM, 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO SONO. Consenso Brasileiro de Insônia. São Paulo: ABS, 2023.

BASSETTI, C. L. A. et al. Narcolepsy — clinical spectrum, aetiopathophysiology, diagnosis and treatment. *Nature Reviews Neurology*, v. 15, n. 9, p. 519-539, 2019.

BINSWANGER, Ludwig. Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins. Zürich: Max Niehans Verlag, 1942.

BUZZATI, Dino. O Deserto dos Tártaros. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Diretrizes Brasileiras para o Diagnóstico e Tratamento da Narcolepsia. Brasília: CFM, 2021.

D'ANNUNZIO, Gabriele. Un sueño. In: *Versi d'amore*. Tradução de José Luis Bernal, 1911. Disponível em: <http://revistaanestesia.com/tres-poemas-traducidos-de-gabriele-dannunzio/>

DAUVILLIERS, Y.; ARNULF, I.; MIGNOT, E. Narcolepsy with cataplexy. *The Lancet*, v. 369, n. 9560, p. 499-511, 2007.

LAMMERS, G. J. et al. Diagnosis of narcolepsy: agreement between International Classification of Sleep Disorders-2 and 3. *Sleep Medicine*, v. 63, p. 98-101, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Éditions Gallimard, 1945.





MONTALE, Eugenio. Ossi di seppia. Torino: Gobetti, 1925.

MORAVIA, Alberto. O Tédio. Tradução de Elena Greggi. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-11. Genebra: OMS, 2018.

ORTESE, Anna Maria. O Cardeal Silvano. In: O Mar não Banha Nápoles. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

PASCOLI, Giovanni. Canti di Castelvecchio. Bologna: Zanichelli, 1903.

PERLIS, M. L. et al. The neurobiology of insomnia. In: KRYGER, M. H. et al. (Ed.). Principles and Practice of Sleep Medicine. 5. ed. Philadelphia: Elsevier, 2011. p. 42-54.

PIRANDELLO, Luigi. Um, Nenhum e Cem Mil. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

QUASIMODO, Salvatore. Acque e terre. Firenze: Solaria, 1930.

RIEMANN, D. et al. The hyperarousal model of insomnia: A review of the concept and its evidence. Sleep Medicine Reviews, v. 14, n. 1, p. 19-31, 2010.

ROTH, T. Insomnia: definition, prevalence, etiology, and consequences. Journal of Clinical Sleep Medicine, v. 3, n. 5 Suppl, p. S7-S10, 2007.

SCARFONE, Domenico. The Unprecedented: Poetry and the Pathology of Sleep. Milano: Mimesis International, 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROLOGIA. Tratado de Medicina do Sono. Rio de Janeiro: SBN, 2022.

SVEVO, Italo. A Consciência de Zeno. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



TABUCCHI, Antonio. *Afirma Pereira*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

TRAJANOVIC, N. N. et al. Positive sleep state misperception - a new concept of sleep misperception. *Sleep Medicine*, v. 8, n. 2, p. 111-118, 2007.

UNGARETTI, Giuseppe. *Il porto sepolto*. Udine: Stabilimento Tipografico Friulano, 1915.

Recebido em: 20/11/2025

Aprovado em: 15/12/2025

Publicado em: 07/01/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. janeiro/fevereiro/março 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

